

# HABITAÇÃO SOCIAL COLECTIVA “PANTERA COR-DE- ROSA” 1972-1979, Lisboa – Portugal

**Co-autor** António Reis Cabrita

**Cliente** Câmara Municipal de Lisboa

**Especialidades** J. V. Paiva (estrutura e fundações), A. Torres (gás, águas e esgotos), S. Sanfins (instalações eléctricas e mecânicas)

**Empreiteiro** Edifer – Construções Pires Coelho & Fernandes, SARL

**Fotografia (estado actual)** Daniel Malhão

A habitação social colectiva conhecida como “Pantera Cor-de-Rosa” foi construída sob o signo brutalista e as influências directas de outras megaestruturas como “Park Hill”, projectado por Jack Lynn e Ivor Smith (1957 -1961); “Gallaratese”, desenhado por Aldo Rossi e Carlo Aymonino (1967 -1974); “Robin Hood Gardens”, desenhado por Alison & Peter Smithson (1968-1972) e “Runcorn”, desenhado por James Stirling (1972 -1977), permanecendo, ao contrário da maioria destes, em utilização até aos dias de hoje.

Mais do que a elevação de um conjunto de edifícios, o projecto procurava constituir uma alternativa às soluções urbanas adoptadas no plano de Chelas, em que o papel, que cabia à arquitectura, se limitava ao mero preenchimento dos espaços residuais resultantes do traçado das vias. Precedido por um período de debate e desenho colectivo em torno de um esquema-base e das ideias sobre concretização das formas e espaços urbanos quanto ao desenho dos edifícios, à sua relação com o esquema viário, o estacionamento e os percursos de peões, o projecto propôs repensar a forma de “fazer cidade” procurando criar uma estrutura urbana homogénea, capaz de aceitar a repetição, e onde o próprio edificado agisse como entidade catalisadora dos factores de urbanidade. A implantação dos edifícios parte da ideia de criar uma sequência de espaços através de elementos urbanos estruturantes: circulação viária, praça, quarteirão, rua interior pedonal e pontes de ligação entre edifícios. A praça central, em torno da qual se articulam os edifícios, relaciona-se com a circulação viária, agindo como espaço de transição, de absorção da presença exterior, em que os edifícios, que a definem, reflectem, igualmente, esse cariz. O corte nos topos dos edifícios, segundo a diagonal da praça, pretende, por sua vez, canalizar o espaço para a rua interior, enquanto a mesma marcação na outra diagonal enquadra um enfiamento visual afecto ao espaço urbano exterior. A distribuição faz-se de forma gradual por intermédio de diferentes ordens de circulação, primeiro por uma rede de galerias e, depois, por espaços de carácter semi-privado na transição para as unidades individuais.

Para a cidade, o conjunto edificado exhibe uma presença sólida, firmemente, ancorada no solo; uma massa compacta pouco perfurada. As fachadas exteriores actuam como mediadoras de uma complexidade interior, enquanto as fachadas internas formam um intrincado de sobreposições sucessivas cuja escala está mais próxima da sua condição de interioridade.

A cor rosa desempenha um papel estético activo, reforçando a percepção de uma massa e a compreensão imediata da própria forma, do jogo entre sombras, entre cheios e vazios, entre as diferentes escalas nos espaços de transição, etc. actuando como uma componente afirmativa do projecto arquitectónico.

